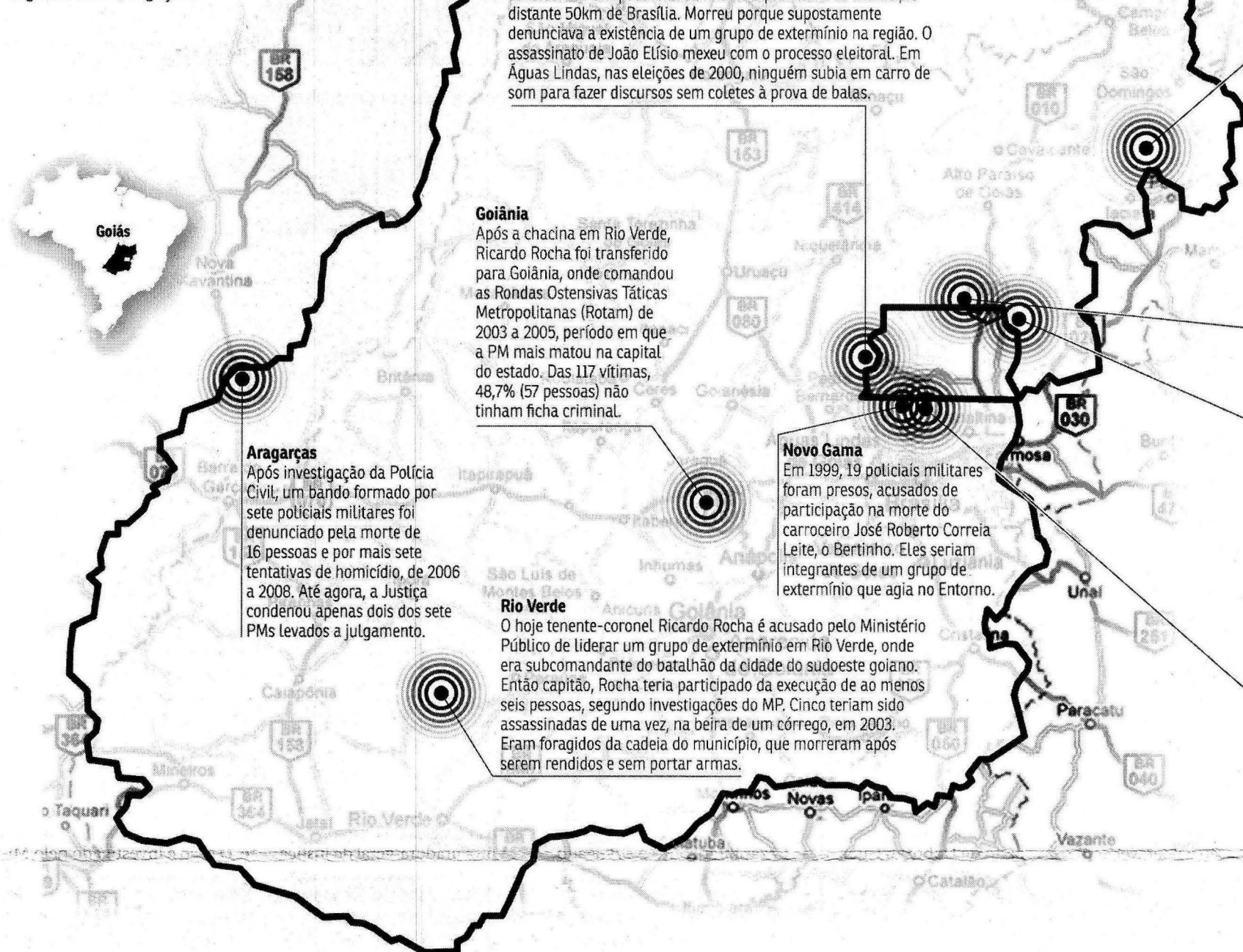


Mapa da matança

Em Goiás, são corriqueiras as denúncias de ações de grupos de extermínio comandados por policiais militares. Eles agem em bandos e em municípios distintos, mas um deles, comandado pelo hoje tenente-coronel Ricardo Rocha, deixou um rastro de assassinatos em ao menos cinco cidades, segundo as investigações.



Águas Lindas

Em 2000, o líder comunitário João Elísio foi assassinado. Ele era considerado um potencial candidato à prefeitura do município distante 50km de Brasília. Morreu porque supostamente denunciava a existência de um grupo de extermínio na região. O assassinato de João Elísio mexeu com o processo eleitoral. Em Águas Lindas, nas eleições de 2000, ninguém subia em carro de som para fazer discursos sem coletes à prova de balas.

Goiânia

Após a chacina em Rio Verde, Ricardo Rocha foi transferido para Goiânia, onde comandou as Rondas Ostensivas Táticas Metropolitanas (Rotam) de 2003 a 2005, período em que a PM mais matou na capital do estado. Das 117 vítimas, 48,7% (57 pessoas) não tinham ficha criminal.

Aragarças

Após investigação da Polícia Civil, um bando formado por sete policiais militares foi denunciado pela morte de 16 pessoas e por mais sete tentativas de homicídio, de 2006 a 2008. Até agora, a Justiça condenou apenas dois dos sete PMs levados a julgamento.

Rio Verde

O hoje tenente-coronel Ricardo Rocha é acusado pelo Ministério Público de liderar um grupo de extermínio em Rio Verde, onde era subcomandante do batalhão da cidade do sudoeste goiano. Então capitão, Rocha teria participado da execução de ao menos seis pessoas, segundo investigações do MP. Cinco teriam sido assassinadas de uma vez, na beira de um córrego, em 2003. Eram foragidos da cadeia do município, que morreram após serem rendidos e sem portar armas.

Novo Gama

Em 1999, 19 policiais militares foram presos, acusados de participação na morte do carroceiro José Roberto Correia Leite, o Bertinho. Eles seriam integrantes de um grupo de extermínio que agia no Entorno.

Alvorada do Norte

Após reunião com o prefeito, vereadores e fazendeiros, o major Ricardo Rocha montou um grupo para patrulhar a área rural e investigar furtos em propriedades das vizinhas Flores de Goiás e Alvorada do Norte. O bando é suspeito de, em 26 de fevereiro de 2010, ter executado um jovem com 28 tiros e matado outros três desaparecidos, em ambos os municípios. A Corregedoria da PM de Goiás diz ter provas contra o bando e pede a condenação de todos os 11 supostos envolvidos.

Planaltina de Goiás

Policiais civis prenderam em 20 de abril de 2005 10 acusados de integrar um grupo de extermínio que agia havia dois anos na cidade distante 80km de Brasília. Eles eram suspeitos de 53 assassinatos. As prisões fizeram despencar as estatísticas de assassinatos na cidade, que era considerada uma das mais violentas do estado. A média de homicídios era de seis por mês até abril de 2005. Depois, passou a dois.

Formosa

A matança em Goiânia chamou a atenção do MP, que abriu outra investigação contra Ricardo Rocha. Com a patente de major, acabou transferido para Formosa, onde assumiu o batalhão local. E, justamente enquanto ele esteve no comando, a PM matou como nunca no município a 70km de Brasília. Eles alegam confrontos com bandidos armados. Em dezembro de 2008, jovens e adolescentes acabaram executados com tiros na cabeça por homens encapuzados. Outro caso igual ocorreu em fevereiro de 2009.

Valparaíso

Policiais federais prenderam em 13 de dezembro de 2005 quatro suspeitos de integrar uma quadrilha de falsificação de dinheiro, grilagem de terras e um grupo de extermínio. O suposto líder, Alfredo Ribeiro, 70 anos, foi acusado de mandar matar o então prefeito de Valparaíso, José Valdécio (PTB), promotores e juizes de Brasília. Valdécio sobreviveu aos quatro tiros que teve durante a campanha eleitoral em setembro de 2004. Alfredo é suspeito de participação em 18 assassinatos no interior goiano.

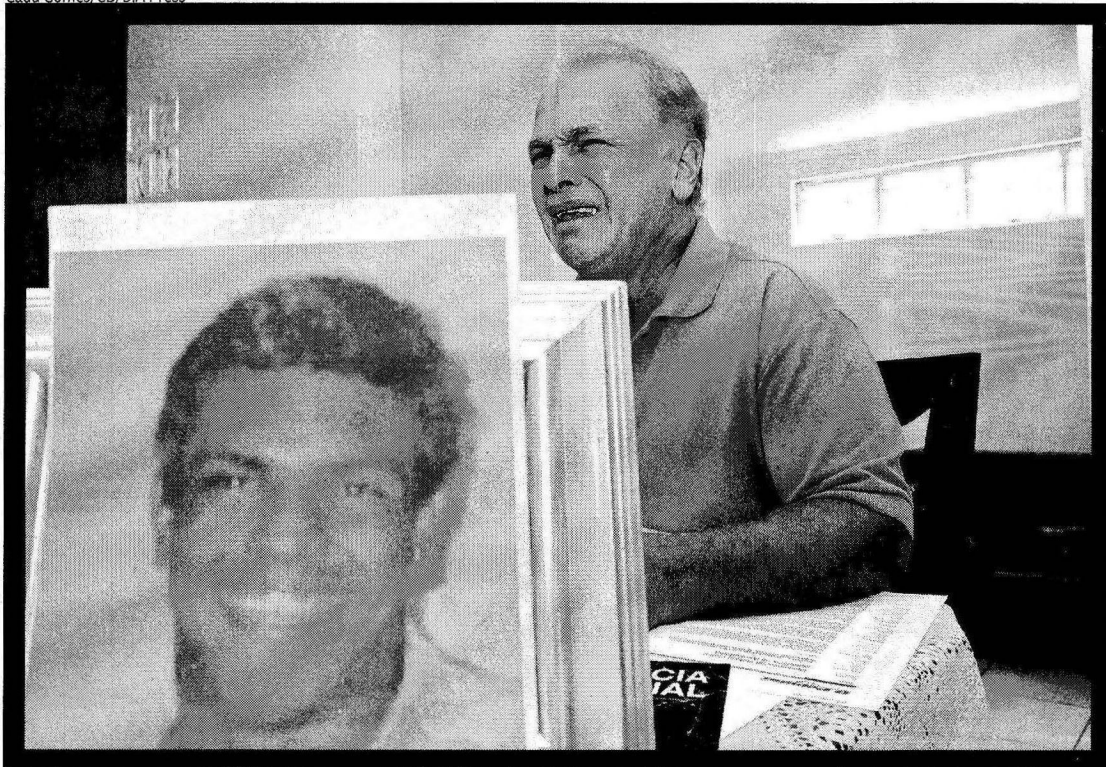
Amaro Junior/CB/D.A Press

» RENATO ALVES
» SAULO ARAÚJO

Rota da morte

Em 10 anos, assassinatos atribuídos a PMs se espalham por pelo menos nove cidades goianas. De 2003 a 2005, houve 117 homicídios em Goiânia, praticados com características de grupos de extermínio

Cadu Gomes/CB/D.A Press



Divino Rodrigues Barco, pai de jovem morto pela Rotam: vítima de sequestro confundida com assaltante

Para saber mais

Há um ano e meio, a Polícia Federal de Goiás apura cerca de 50 mortes em confrontos com a Polícia Militar em Goiânia e no Entorno. Em 15 de fevereiro, policiais federais prenderam 19 PMs acusados de integrar um esquadrão da morte. Entre eles, o tenente-coronel Ricardo Rocha e o subcomandante-geral da PM goiana, coronel Carlos César Macário. Todos respondem por homicídio qualificado em atividades tí-

picas de grupo de extermínio, formação de quadrilha, tortura qualificada, tráfico de influência, falso testemunho, ocultação de cadáver e ameaças. Do total de acusados, 16 continuam presos no presídio federal de segurança máxima de Campo Grande (MS). A operação desencadeada pela PF foi batizada de Sexto Mandamento em referência ao decálogo bíblico, cujo sexto mandamento é "não matarás".

co goiano. Cinco teriam sido assassinados de uma vez, à beira de um córrego, em 2003. Eram fugitivos da cadeia municipal, que morreram após serem rendidos e sem portar armas. A matança em Goiânia também chamou a atenção do Ministério Público goiano, que abriu outra investigação contra Rocha. Com a patente de major, acabou transferido para Formosa, onde assumiu o batalhão local. E, justamente enquanto ele esteve no comando, a PM matou como nunca no município a 70km de Brasília.

Policiais militares admitem ter tirado a vida de 10 das 48 pessoas assassinadas em 2008 na cidade de 90 mil habitantes. Outros cinco casos ocorreram no segundo semestre de 2007. Os PMs alegam confrontos com bandidos armados. Mas a maioria das vítimas não respondia por delitos graves e morreu com ao menos um tiro na cabeça. Em dezembro de 2008, jovens e adolescentes acabaram executados com disparos na cabeça por homens encapuzados. Outro caso igual ocorreu em fevereiro de 2009. Em todos, os autores agiram em dupla. Vestidos de preto, usaram pistolas, armas idênticas às restritas à polícia.

Busca por justiça

Rodrigo Barco, 18 anos, foi um dos jovens vítimas da Rotam no período em que Ricardo Rocha comandou a unidade. O rapaz morreu em Goiânia, em março de 2005. Desde então, o pai dele, o professor Divino Rodrigues Barco, 58, luta por justiça. Divino conta que o filho foi vítima de um sequestro relâmpago. A dupla de criminosos usava um carro roubado. Ao tomar conhecimento da ocorrência, a Rotam iniciou a perseguição ao veículo. Uma equipe prendeu um suspeito, mas outro conseguiu escapar. Sem chance de explicar que não era ladrão, militares colocaram Rodrigo de joelhos e o executaram com três tiros no pescoço e três no peito.

Na época, os policiais militares disseram que Rodrigo disparou contra a guarnição, mas exames do Instituto Médico Legal (IML) de Goiânia provaram que todos os disparos foram dados de cima para baixo, sugerindo que Rodrigo estava rendido. O comandante da operação, capitão Marco Aurélio Godinho, e dois subordinados nunca ficaram detidos. A corregedoria da PM arquivou o processo contra eles. Por não se calar, Divino Barco passou a sofrer ameaças. "Eles (os PMs) já acabaram com a minha vida. Não me importo se me matarem hoje, porque a pessoa que eu mais amava no mundo não está mais aqui", desabafa.